

## GRAMÁTICA DA EXPERIÊNCIA E AVALIATIVIDADE EM HISTÓRIAS DE VIDA DE PESSOAS IDOSAS: UMA PERSPECTIVA CRÍTICA

*(Grammar of experience and appraisal in life stories of senior citizens: a critical perspective)*

Denize Elena Garcia da Silva<sup>1</sup>

Universidade de Brasília - UnB

Edilan Kelma Nascimento Sousa<sup>2</sup>

Universidade de Brasília - UnB

### ABSTRACT

*From a critical perspective, we map out ways of approaching discourse, the interiority of language and its appraisal from a theoretical-methodological triangulation. Focusing on language as a social practice is our basic theoretical vertex (FAIRCLOUGH, 2003, 2010). In the second vertex, when analyzing linguistic-discursive representations in life stories of senior citizens, who live at risk, we approach the grammar of the everyday experience, as developed by Halliday (1994, 2017). At the top of triangulation, we discuss the appraisal system based on Martin and White's model (2005), through an analytical focus towards three types of attitudes: affect, judgment and appreciation.*

**Keywords:** *Discursive practices of senior citizens. Grammar of the everyday experience. Appraisal system. Evaluation.*

### RESUMO

*Desde uma perspectiva crítica, traçamos caminhos de aproximação entre discurso, interioridade da linguagem e avaliatividade a partir de uma triangulação teórico-metodológica. Enfocar a língua como prática social constitui nosso vértice teórico básico (FAIRCLOUGH, 2003, 2010). No segundo vértice, ao analisarmos representações linguístico-discursivas em histórias de vida de pessoas idosas, que vivem em situação de risco, acercarmos-nos da gramática da experiência do cotidiano, desenvolvida por Halliday (1994, 2017). No topo da triangulação, discutimos o sistema de avaliatividade com base no modelo de Martin e White (2005), mediante um foco analítico voltado para três tipos de atitudes: afeto, julgamento e apreciação.*

**Palavras-chave:** *Prática discursiva da terceira idade. Gramática da experiência do cotidiano. Avaliatividade. Avaliação.*

### INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo discutir recursos linguístico-discursivos, presentes nas histórias de vida de pessoas idosas em situação de vulnerabilidade social. O estudo envolve práticas

---

<sup>1</sup> É Graduada em Letras Português-Inglês pelo Centro de Ensino Unificado de Brasília (1977), Mestra em Linguística pela Universidade de Brasília (1991) e Doutora em Linguística Hispânica pela Universidad Nacional Autonoma de Mexico (1996). Realizou estágio pós-Doutoral (2009), com o auxílio da CAPES, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (FLUL) e desenvolveu atividades de pesquisa junto ao Instituto de Linguística Teórica e Computacional (ILTEC) de Portugal (2009). É Pesquisadora Colaboradora Plena junto à Universidade de Brasília, com atividades didático-pedagógicas em Linguística e em Filologia Românica. É editora-chefe do periódico internacional Cadernos de Linguagem e Sociedade (Papers on Language and Society) mantido pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da UnB, com o apoio do Núcleo de Estudos de Linguagem e Sociedade (NELiS/ CEAM/ UnB).

<sup>2</sup> Licenciada em Letras: Português/Inglês e Mestranda em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da UnB, sob a orientação de Garcia da Silva. Suas publicações poéticas envolvem oralidade/escritura, bem como leitura e coerência. Esse artigo envolve recortes do texto de sua dissertação de Mestrado –Práticas discursivas no letramento de mulheres idosas: resgate de cidadanias –defendida no dia 19 de dezembro 2017. É funcionária de carreira no Tribunal Superior Eleitoral desde 2010.

discursivas colhidas em dois espaços paradoxais, os quais foram balizados, sobretudo, por suas particularidades contextuais, por procedimentos metodológicos de uma pesquisa de natureza qualitativa (descritiva e interpretativa), que exigiu um percurso de caráter etnográfico.<sup>3</sup> Trata-se de um percurso reflexivo crítico de escolha entre alternativas conceituais e julgamentos de significados e métodos para desafiar a investigação, o policiamento e outras formas de atividades humanas (THOMAS, 1993). De um lado, um contexto de situação marcado pela pobreza, na periferia do DF (a Cidade Estrutural), onde vivem as mulheres da terceira idade, 15 colaboradoras da pesquisa ora apresentada. De outro, um contexto institucionalizado e de poder, o Tribunal Superior Eleitoral (TSE), espaço visitado pelas idosas pela primeira vez em suas vidas. Esses dois diferentes campos, que deram origem aos dados aqui analisados, configuraram-se relevantes, uma vez que ambos passaram a nos abrir instâncias para novas perspectivas de mudança social em prol do resgate de identidades(s) e fortalecimento de cidadania, o que será discutido mais adiante.

O trabalho aqui apresentado se insere nos estudos desenvolvidos pelo Grupo Brasileiro de Estudos de Discurso, Pobreza e Identidades, o qual é parte integrante da Rede Latino-Americana de Estudos do Discurso (REDLAD), registrada no Diretório de Grupos de Pesquisa (DGP) do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Trata-se da última etapa do projeto intitulado “Meu nome, minha identidade: das práticas discursivas aos eventos de letramento voltados para adolescentes e idosos”. Tanto a REDLAD quanto o referido projeto foram coordenados por Silva, junto à Universidade de Brasília (UnB). Conforme a referida pesquisadora, essa última etapa configura-se como o corolário do tema central “meu nome, minha identidade”, uma vez que o propósito dos estudos desenvolvidos no projeto foi também dar voz a essa parcela da população que, sobretudo, pela situação de pobreza e escassez de recursos básicos para sobrevivência, em plena velhice, encontra-se à margem da sociedade (SOUSA, 2017, p. 20).

O presente artigo encontra-se dividido em quatro partes, além desta introdução e das considerações finais. Uma triangulação compõe as partes teórico-metodológicas básicas, discutidas com vistas a aproximarmos discurso, interioridade da linguagem e avaliatividade. No primeiro vértice, desde uma perspectiva dos estudos críticos do discurso, destacamos a língua como prática social, o que nos permite ponderar que fenômenos discursivos ocorrem na exterioridade da linguagem, mas deixam marcas na interioridade do sistema (estrutura). Consideramos relevante destacar, aqui, a interação dialógica da Análise de Discurso Crítica (ADC), na vertente de Fairclough (2003, 2010), com a Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), teoria da linguagem

---

<sup>3</sup> Do ponto de vista da linguística histórica, o termo etnografia vem do grego *ethnos* (substantivo referente a grupos de pessoas não-gregas) + *grafo* (verbo referente à ação da escrita). Daí o significado etimológico de etnografia: *escrever sobre os outros*, o que envolve sempre um percurso de caráter etnográfico.

proposta por Halliday (1994) e desenvolvida por Halliday e Mathiessen (2014). Assim é que, no segundo vértice, acercamo-nos da gramática da experiência do cotidiano, desenvolvida por Halliday (1994, 2017) e sintetizada no modelo adaptado por Silva (2008, 2013a; 2013b) para o português. Com o terceiro vértice, pertinente ao Sistema de Avaliatividade (SA), fechamos a tríade teórico-metodológica. Para tanto, valemo-nos dos estudos de Martin e White (2005), bem como Martin e Rose (2007), mediante um foco analítico específico, a avaliação, voltada para três tipos de atitudes: afeto, julgamento e apreciação, categorias linguístico-discursivas recorrentes em relatos dos que vivem em situação de risco. Na última parte, paralelo à discussão dos passos da pesquisa, apresentamos os resultados dos dados empíricos analisados.

## **1 A ADC COMO PASSAPORTE TEÓRICO**

Para o presente estudo, é relevante o caráter transdisciplinar na ADC, razão pela qual a consideramos como um passaporte teórico, uma vez que se relaciona com os momentos/elementos da prática social e com outros aspectos/conceitos/ideias que nos permitem refletir acerca do mundo que nos rodeia. Enfatiza Silva (2008) que a ADC se caracteriza como uma forma de pesquisa social e, como tal, equivale a uma prática teórica crítica, principalmente porque leva em conta a premissa de que situações opressoras podem ser mudadas, uma vez que decorrem de criações sociais possíveis de serem transformadas socialmente. Dessa forma, a autora sugere que no cerne da proposta da ADC, encontra-se incentivo para estudos cujos resultados permitam mitigar os efeitos maléficos (analfabetismo em decorrência de situações de pobreza) ou, em condições propícias, eliminá-los.

De acordo com Fairclough (2003, p. 154), diferentes discursos encontram-se associados, integrados a distintas perspectivas do mundo, sendo que tais perspectivas “estão associadas às diferentes relações que as pessoas têm com o mundo, as quais, por seu turno, dependem de suas respectivas posições no mundo, de suas identidades sociais e pessoais, bem como das relações sociais com outras pessoas”. As palavras de Fairclough nos remetem a um caminho de análise de discurso sob uma perspectiva representacional, ou seja, quais elementos estão incluídos na representação dessas relações, quais deles estão excluídos e aos quais é dada maior importância.

Na chancela da proposta de Fairclough (2003), assumimos, desde o ponto de vista teórico-metodológico, um princípio que pode ser sintetizado nos seguintes termos: uma pesquisa para ser útil deve-se revestir de uma prática social transformadora. Nessa perspectiva, os passos metodológicos, listados a seguir, encontram-se balizados por quatro estágios de acordo com uma metodologia voltada para a pesquisa social transdisciplinária, conforme sugere Fairclough (2010, p.

235): estágio 1 - focar um erro socialmente grave (*wrong social*), em seu aspecto semiótico<sup>4</sup>; estágio 2 - identificar obstáculos concernentes ao erro socialmente grave; estágio 3 - considerar se a ordem social ‘necessita’ desse erro social; estágio 4 - identificar possíveis formas de ultrapassar os obstáculos.<sup>5</sup>

Com base nos quatro estágios elencados acima, os quais se desdobram em uma escalada descendente de passos (*steps*), identificamos um erro socialmente agravante: a dura realidade dos analfabetos funcionais, em contraste com o sonho do milagre do ‘letramento’, acalentado por pessoas que vivem à margem da sociedade, sobretudo, em situação de pobreza, próximo à capital federal, no espaço da Cidade Estrutural, onde se encontrava até pouco tempo o maior depósito de lixo da América Latina. Quanto ao estágio 2 – identificar obstáculos concernentes ao erro socialmente grave –, consideramos o aspecto funcional da linguagem em sua interioridade, associado a representações linguístico-discursivas da experiência de pessoas idosas que vivem em situação de precariedade. Nesse segundo estágio, acercarmo-nos da gramática da experiência do cotidiano, de acordo com a proposta teórica de Halliday (1994, 2017). No que concerne ao estágio 3 – que implica questionar se a ordem social ‘necessita’ desse erro agravado pelas desigualdades sociais – estudos realizados por Silva e Freitas-Scórcio (2015, p. 219) sugerem que “a temática da pobreza permeia, ainda que de maneira oblíqua, o discurso de posse de presidentes brasileiros, no período pós-ditadura”. Parece que a pobreza somada ao analfabetismo configura um fenômeno social conveniente ao poder. Já o estágio 4 – identificar possíveis formas de ultrapassar os obstáculos – constitui o escopo central do artigo ora apresentado.

Cabe, aqui, ressaltar que é com base na LSF que Fairclough (2003, p. 170) aponta três tipos de significado (ação, representação e identificação) da linguagem. Enquanto o texto, sempre associado a algum gênero, é visto sob o prisma do significado acional, como modo de inter(ação) em eventos sociais, sugere Fairclough que o discurso deve ser interpretado como base no significado representacional, uma vez que envolve a interpretação de aspectos do mundo (físico, mental, social) em textos. Já o componente identificacional pode ser identificado mediante traços de estilo (em termos de conduta e ética), o que costuma aparecer integrado à construção e à negociação de identidades no discurso.

---

<sup>4</sup> A expressão *wrong social* é tomada, no contexto do presente estudo, como um erro de magnitude socialmente agravante.

<sup>5</sup> Trad. livre: Stage 1- Focus upon a social wrong, in its semiotic aspect. Stage 2 - Identify obstacles to addressing the social wrong. Stage 3- Consider whether the social order ‘needs’ the social wrong. Stage 4 – Identify possible ways past obstacles.

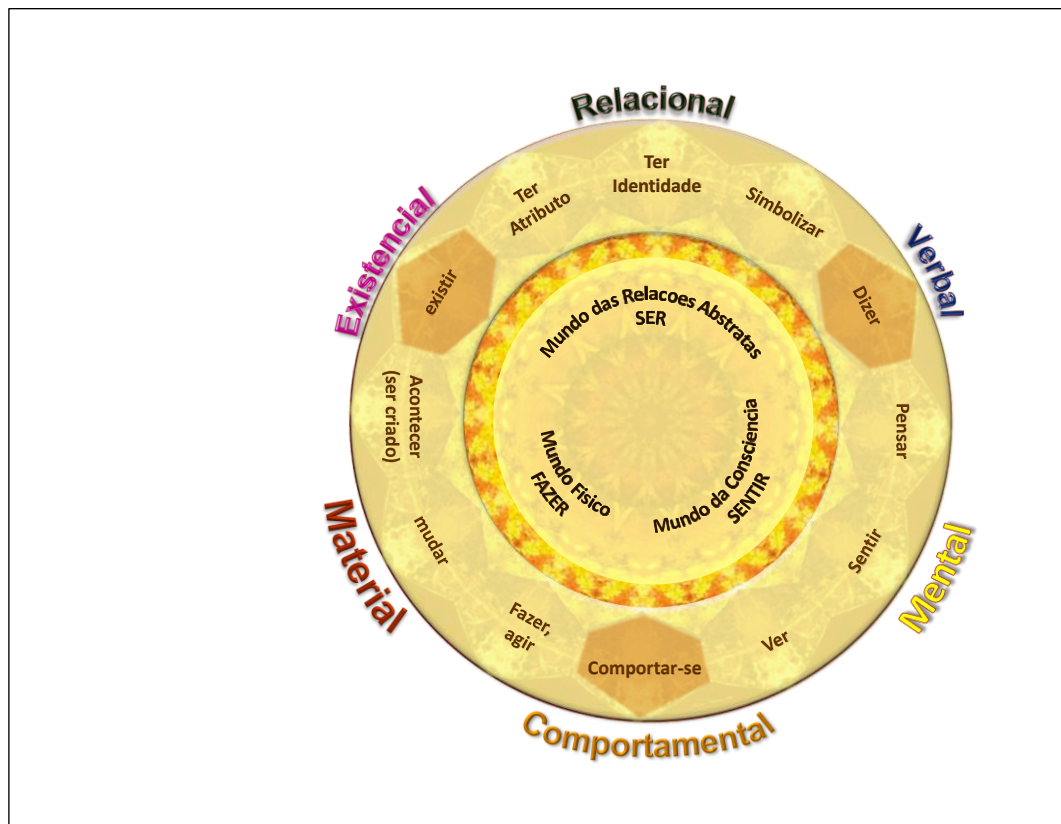
## 2 A LSF E A “MANDALA DA GRAMÁTICA DA EXPERIÊNCIA”

A Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) destaca três componentes funcionais do significado, são eles, o *ideacional*, o *interpessoal* e o *textual*, também conhecidos como metafunções hallidayanas, as quais nos permitem compreender como se organiza a linguagem em termos de sistema e o que as pessoas fazem com ela. Para Silva (2008), a teoria sistêmica da base hallidayana configura uma proposta que envolve o estudo de uma língua em sua interioridade, mas que também leva em conta escolhas, opções, necessidades, bem como propósitos dos falantes, o que se reflete na exterioridade da linguagem (discurso). Trata-se, aqui, da correlação entre a estrutura linguística e a estrutura social.

De acordo com Silva (2012), pode-se apreciar a interação da Análise de Discurso Crítica (ADC) com a Linguística Sistêmico-Funcional (LSF). A autora toma como ponto de partida o princípio de que a relação linguagem-sociedade não é externa, mas, sim, interna e dialética, de modo que processos linguístico-discursivos são, em parte, fenômenos sociais e, em parte, fenômenos cognitivos, ambos dispostos em uma espécie de estrada de mão dupla por onde transitam o discurso como prática social (exterioridade) e a gramática (interioridade do sistema linguístico).

Propõe Silva (2013a), com base em Halliday (1994), uma aproximação metafórica da energia emanada dos centros geradores de nosso mundo conceptual e linguístico, o que ela denomina de “mandala da gramática da experiência”. De acordo com a referida autora, trata-se de uma analogia relacionada ao esquema ilustrativo proposto por Halliday (1994) e explicitado em Halliday e Mathiessen (2004, p. 172), que ela redireciona a tipos de processo em português. Com base na ideia metafórica de um *spectrum* de cores que Halliday (1994) e Mathiessen (2004, p. 172) sugerem para tipos de processos da língua inglesa, Silva (2013a, p. 77-8) propõe um modelo analítico, pertinente a uma espécie de gramática processual, no qual os processos de natureza *comportamental*, *verbal* e *existencial* (considerados por Halliday como secundários), revestem-se de uma complexidade que lhes confere a mesma importância dos processos de natureza *material*, *mental* e *relacional* (considerados básicos na perspectiva hallidayana pela alta frequência com que aparecem em textos). Vejamos a Figura 2.1.

Figura 2.1 - Mandala da Gramática da Experiência



Fonte: Adaptada por Silva (2013a) de Halliday (1994)

Nas palavras de Siva (2013a, p. 78-79):

[...] os processos de natureza existencial (*existir*, assim como *ter*, no sentido de *haver*, inclusive *ocorrer* e até mesmo *dar*, que configuram um uso bem característico do português brasileiro), os de natureza verbal (todos os verbos *dicendi* ou do *dizer*) e os de natureza comportamental (intransitivos que não implicam volição) ocorrem de maneira menos recorrente, sendo menos representativos, portanto, em eventos comunicativos (textos). Na chancela da proposta hallidayana, pondero que a mandala da gramática da experiência reflete, de maneira parcial, representações do mundo do falante (físico, mental e social). Isso, porque a figura acima compreende apenas um dos componentes da transitividade: os processos verbais. Compõem a transitividade da linguagem, além desses processos propriamente ditos (grupos verbais), os participantes do processo (grupos nominais) e as circunstâncias (grupos adverbiais).<sup>6</sup> Vale, aqui, ressaltar que um período (complexo oracional) – formado por orações de tipos de processos vinculados a mundos diferentes (físico, relacional abstrato, cognitivo) – pode envolver contribuições funcionais distintas em termos de construção textual. Como já mencionei anteriormente, as opções formais dentro das estruturas linguísticas

<sup>6</sup> Lembra Silva (2013a, p. 79) que, “no português, um participante pode não aparecer explicitamente mencionado na superfície textual/ discursiva, mas pode ser identificado pela desinência número-pessoal do verbo que marca a sua presença de maneira implícita”.

têm significados contrastantes e as seleções de forma são sempre significativas em nível de significados representacionais do discurso.

Sondar o aspecto funcional da linguagem em sua interioridade, associado a representações linguístico-discursivas da experiência de pessoas da terceira idade, vivem em situação de precariedade, significa acercarmo-nos da gramática da experiência do cotidiano, de acordo com a proposta teórica de Halliday (1994, 2017), para quem existem dois propósitos gerais que subjazem a todos os usos da linguagem: entender o contexto (função ideacional), bem como atuar nele com os outros (função interpessoal). Nessa perspectiva, tentar romper o imaginário social de que a situação em que vivem os denominados “analfabetos funcionais”, ou seja, pessoas com baixíssimo grau de escolaridade – sobretudo, adultos na terceira idade – é um problema rígido, inacessível e sem solução, equivale a identificar uma situação e tentar revertê-la, o que se coaduna, também, com o terceiro componente metafuncional hallidayano: o texto como mensagem (no que concerne a sua organização interna para alcance de propósitos sociais).

Enquanto a gramática da experiência reflete, ainda que em parte, o mundo dos falantes, dentro da função ideacional (ou experiencial), outro modelo teórico coaduna-se com a função interpessoal da linguagem de base hallidayana. Trata-se da proposta desenvolvida por Martin e White (2005) denominada Sistema de Avaliatividade, da qual trataremos a seguir.

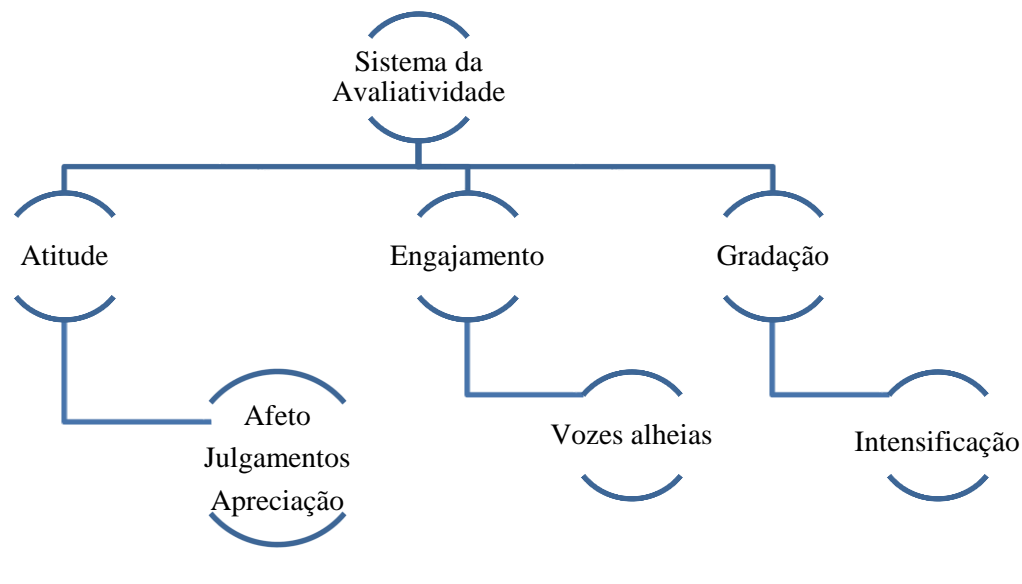
### **3 O SISTEMA DE AVALIATIVIDADE**

No terceiro vértice da triangulação teórico-metodológica selecionada, destacamos a avaliatividade para chegarmos à avaliação como foco de análise empírica. Na perspectiva do sistema de avaliatividade, Martin e Rose (2007, p. 29ss), na esteira de Martin e White (2005), sugerem um foco analítico voltado para três tipos de atitudes: afeto, julgamento e apreciação, o que pode ser sintetizado da seguinte maneira:

- afeto – expressão de afeto – marca o posicionamento atitudinal (positivo ou negativo) dos sentimentos do falante/autor no discurso
- julgamento – um falante/autor expõe seu próprio posicionamento, em termos positivos de admiração, ou de críticas negativas, mediante *aceitação/ rejeição* do posicionamento do outro;
- apreciação – consiste na explicitação de recursos dialógicos utilizados para estabelecer as relações interpessoais entre autor/falante e leitor/ouvinte, o que também envolve a polaridade negativa/positiva.

Em termos teóricos, de acordo com Martin e Rose (2007), parece que, em relação ao engajamento e à gradação, o subsistema da atitude se destaca, em termos de avaliação, porque pode ocorrer de maneira inscrita ou evocada em textos. Quando evocada, a atitude sugere uma interpretação do ouvinte/leitor. Por outro lado, a inscrita ou explícita acontece por meio de estruturas gramaticais, quais sejam: um atributo, ou uma qualidade nominalizada, ou, ainda, um processo.

Cabe, aqui, ressaltar a noção de instanciação, o que diferencia avaliatividade e avaliação. Esclarece Vian Jr. (2010, p. 22) que, em nível de sistema, buscamos a avaliatividade, mas quando mergulhamos analiticamente na avaliação estamos no nível do texto. Apreciemos, a seguir, a **Figura 1** que ilustra o Sistema básico para Avaliatividade.



Fonte: Martin & Rose (2007, p. 28) com adaptações

Quanto ao sistema semântico-discursivo para avaliatividade, por meio de realizações em diferentes estruturas léxico-gramaticais, pode-se identificar, com base na nomenclatura de Martin e Rose, várias realizações. De acordo com Vian Jr. (2010, p. 22), “a partir da modificação de participantes, processos e adjuntos, em diferentes instâncias, podem-se configurar no texto qualidades, por meio de epítetos, atributos e circunstâncias; por diferentes processos, mas principalmente pelos comportamentais e mentais”, o que será explicitado mais adiante.

#### 4 DOS PASSOS DA PESQUISA AOS DADOS ANALISADOS



O trabalho desenvolvido configura-se como uma pesquisa-colaborativa, de natureza qualitativa (interpretativa e descritiva), uma vez que compreende uma série de ações encadeadas de letramentos (alfabetização, debates, rodas de conversa), bem como inserção social básica no mundo letrado, por meio de eventos que extrapolaram o contexto de sala de aula e as fronteiras do ambiente em que vive o grupo selecionado.<sup>7</sup> Os colaboradores da pesquisa constituem um grupo focal, formado por 16 pessoas entre 64 e 87 anos de idade, a maioria mulheres em processo de letramentos desde 2014.

Vale lembrar que, no contexto em que vivem essas pessoas idosas, muitas já foram catadoras de lixo ou trabalharam em atividades pesadas, sem uma alimentação saudável, em decorrência da escassez de recursos financeiros, o que os deixaram numa condição de fragilidade física, pelas condições de vida, bem como, pela falta de oportunidades. Cabe, aqui, esclarecer que a Cidade Estrutural, ambiente em que vivem os idosos, colaboradores desta pesquisa, constitui um contexto de pobreza e vulnerabilidade social.

No estudo que ora apresentamos, o foco de atenção especial foi o contexto particular em que acontecem as práticas de letramentos, levando-se em consideração, principalmente, a dimensão social, cultural, inclusive os níveis de aprendizagem de leitura e escrita, que não são os mesmos entre os sujeitos do grupo pesquisado. Ao escolhermos trabalhar com um grupo focal, partimos do pressuposto sugerido por Barbour (2009, p. 17), para quem “o pesquisador que usa grupos focais é encorajado sistematicamente a fazer tanto comparações inter como intra-grupal.” Na visão da autora, o desenvolvimento comunitário e as abordagens participativas têm influenciado o uso de grupos focais em outros contextos e têm alimentado importantes debates sobre a relação entre o pesquisador e o pesquisado e os usos recentes para os achados dos grupos focais.

De acordo com Bauer e Gaskell (2002), é através de um processo auto-reflexivo que as ciências críticas podem chegar a identificar estruturas condicionadas de poder a fim de que haja um conhecimento emancipatório e que a aplicação da razão seja fundamentalmente um empreendimento crítico. Nosso propósito, então, foi desenvolver conjuntamente com as pessoas idosas práticas discursivas que as colocassem em posição de resgate de sua respectiva cidadania e, em condições propícias, utilizamos práticas metodológicas fortalecedoras de suas identidades.

Vejam, na seção abaixo, fragmentos selecionados de entrevistas focalizadas com pessoas idosas, cujos relatos espontâneos indiciam a avaliação em consonância com o sistema da avaliatividade, tanto em termos do subsistema de atitudes (afeto, julgamento, apreciação), quanto

---

<sup>7</sup> Empregamos o termo letramento no plural, uma vez que as ações didático-pedagógicas envolvem processos de ensino/aprendizagem, que vão do ouvir e do falar, voltados para a palavra tanto na leitura quanto na escrita.

em termos dos subsistemas de engajamento (presença de vozes alheias) e de gradação (por meio de repetições de palavras e de estruturas paralelas), o que será discutido a seguir.

#### 4.1 Entre as histórias de vida das Marias

Entre as histórias de vida das Marias, destacamos, a seguir, a análise de cinco excertos. Observe-se, porém, que para a realização da pesquisa maior foram escolhidas 15 idosas, residentes na cidade Estrutural, participantes do curso de alfabetização. Ressalte-se que, ao longo do ano 2016, houve um aumento considerável no número de alunas, motivo pelo qual se procurou focar o trabalho a partir de interesses manifestados pelas maioria das idosas. Apreciemos, a seguir, como a categoria avaliação, bem como o direito de escolha, destaca-se nos excertos analisados.

- (1) *Sê idosa pra mim é uma coisa maravilhosa! É uma sensação de alívio! É uma sensação que consegui tudo aquilo que eu queria! Cheguei na idade que eu mais queria, que eu achava bonito... pra mim é uma sensação muito boa. É como eu sempre falo pu jovem: Se eu estou aqui hoje, com essa idade é porque eu plantei os frutos bom! E com certeza estou colhendo agora!*

(Documento de língua oral - Maria Superação, 70 anos)

O relato de Maria Superação é um exemplo claro de avaliação afetiva, o que, para Halliday (1994) envolve um tipo de avaliação explícita, em que surgem avaliações mediante o uso de processos mentais afetivos, que envolvem eventos psicológicos, como reflexões, sentimentos e percepções, carregando, também, o processo relacional abstrato: *ser*. Essa Maria avalia positivamente o ‘ser idosa’, ao explicitar em seu relato a sensação que tem ao ter chegado a essa idade. Por várias vezes ela declara e se utiliza do vocábulo “sensação”, recurso retórico de retomada para reafirmar seus sentimentos. Destaca-se, aqui, o campo do processo das relações abstratas voltadas para o mundo do SER - *Sê idosa pra mim é uma coisa maravilhosa! É uma sensação de alívio! É uma sensação...*” – bem como para o mundo cognitivo do SENTIR - *...consegui tudo aquilo que eu queria (desejava)! Cheguei (processo comportamental) na idade que eu mais queria, que eu achava bonito... pra mim é uma sensação muito boa*”, conforme indicado na Mandala da gramática da experiência apresentada anteriormente.

Por outro lado, a metáfora de “plantei coisa boa” e “colhi bons frutos” também é, aqui, um reforço do processo avaliativo pela qual a idosa considera o seu estado atual. É uma verdade que evoca a figura do agricultor que nos ensina que não poderemos colher algo diferente daquilo que plantamos. Trata-se de um entendimento antigo, em termos culturais, e pode ser encontrado em

vários textos bíblicos. Como religiosa que é, conforme já declarado em seus relatos de vida e comprovados em seus textos escritos (bilhetes), independente da temática trabalhada em sala e fora dela, Maria da Superação, ao metaforizar o que é ser idosa faz uma relação da sua vida com a “lei da sementeira”, buscando no seu contexto religioso a explicação para o que vive hoje. O corolário de sua longevidade de vida (70 anos) é avaliada positivamente (afeto). Chegar a essa idade para Maria constitui o reflexo de tudo que plantou durante a sua vida.<sup>8</sup>

Observemos, a seguir, o fragmento (2), que concerne a um relato diferente, ao refletir a gramática da experiência da dor física, atrelada à escassez advinda do fenômeno social da pobreza.

(2) *...um dia desses eu estava tomando Lozatana ((sic))... é::...e ele estava dando uma facada no meu coração – uma facada tão firme – e se demorasse, eu... apagava, né?! E aí, eu fui e lembrei do remédio! E aí, a ... aí eu parei/ eu parei de tomar ele! E aí, eu digo: “eu tenho que voltar no cubano.” Aí, eu fui lá no dotô! Cheguei lá, eu contei a história pra ele, e ele falou que num... falou que era o remédio, então! E ia passar outro! Aí, ele passou outro e, então, esse remédio nem tem no posto! Passou dois remédio, porque a minha pressão estava muito alta: 18, 19, 20. Aí, eu peguei no... no posto e fui procurar o remédio e não encontrei, e aí, eu não... e o meu pagamento ia sair com uma semana, e aí, eu esperei .... mesmo com a pressão alta pra mim poder comprar...*

(Entrevista do dia 23 de Julho de 2014 – Maria Comprometimento, 66 anos)

O excerto (2), acima destacado, é circunstanciado temporalmente pelo grupo adverbial: *um dia desses*. As escolhas léxico-gramaticais evocam a forma de representar a duração do sofrimento causado pela medicação inadequada. A entrevistada seleciona processos de natureza material: *tomar e demorar*, os quais, nas palavras de Halliday e Matthiessen 2014, p. 224), “constroem mudança no fluxo dos eventos por meio de uma fonte de energia”, nesse caso, ocasionada pela medicação. Maria Comprometimento representa a duração de seu sofrimento decorrente da medicação inadequada.

Observe-se, também, a presença de um processo comportamental (apagar), situado na fronteira do mundo físico da ação e do mundo cognitivo do sentir: *apagar* é aqui utilizado no sentido de *morrer*. Para Halliday (2017, p. 248), quando se afirma que “alguém coloca nome para sua sensação”, esquecemos de que isso pressupõe grande parte da encenação da linguagem para que o simples ato de colocar um nome faz sentido. E quando afirmamos que alguém dá um nome à dor,

---

<sup>8</sup> A propósito, há inúmeros versículos na bíblia que apontam para relação do plantio com a colheita. Senão, vejamos: “... aquilo que o homem semear, isso também ceifará.” (Gl. 6-7); “O fruto da justiça será paz, o resultado da justiça será tranquilidade e confiança para sempre.” (Is. 32-17); “Há tempo de nascer e tempo de morrer; tempo de plantar e tempo de arrancar o que se plantou”. (Ecl. 3:2).

pressupõe-se a existência da gramática da palavra “dor”, o que remete à localização de uma nova palavra.

Maria Comprometimento representa a duração de seu sofrimento decorrente da medicação inadequada. Fica evidenciada, também, sua dificuldade em adquirir o medicamento de uso regular não contemplado na lista de remédios gratuitos. A respeito da experiencição da dor, sugere Halliday (2017, p. 248), tratar-se de uma das áreas mais desafiadoras da experiência humana. Para o autor, a dor é classificada de diferentes maneiras como processo, qualidade e coisa. Da mesma forma, sempre de acordo com o autor, a dor pode ser interpretada mediante diferentes tipos de processo. Essa variação constrói a dor como um domínio de experiência único e complexo - que não pode ser localizado em qualquer região de significado(s) ou espaços semânticos -, e que tampouco pode ser definida de forma simples.

Examinemos, a seguir, outro seguimento em que predomina a categoria avaliação, atrelada à invisibilidade em que vivem as pessoas da terceira idade no contexto da Estrutural.

- (3) *... o médico lá que eu nem sei o nome dele..., ele atendendo as pessoa muito mal. Com muita ignorância. Pra que aquilo? eu creio assim, olha vou lhe fala uma coisa: pra mim qualqué pessoa que me atende bem, mais eu amo de coração! qualqué pessoa! mas se me atendeu mal já não é comigo. Porque eu não acho que paga nada... trata as pessoa bem! ... a gente vai todo pricisano du, du, duma atenção, dum carinho, duma palavra amiga, duma palavra de carinho... Não aí vem só com ignorança, com patada com a gente.*

(Documento de língua oral, Maria Alegria, 65 anos)

Além de pistas linguístico-discursivas que revelam posicionamentos atitudinais de julgamento (*...o médico lá que eu nem sei o nome dele..., ele atendendo as pessoa muito mal. Com muita ignorância.*), bem como de apreciação (*pra mim qualqué pessoa que me atende bem, mais eu amo de coração! qualqué pessoa!*), cabe destacar também a categoria cognição que, de acordo com Van Dick (2012), abarca o conjunto de formas de conhecimentos sociais, todos eles avaliativos (*a gente vai todo pricisano du, du, duma atenção, dum carinho, duma palavra amiga, duma palavra de carinho.*), que compõem o marco das cognições de cada grupo social. Essas formas de conhecimento são representações mentais do vivido, do que foi experienciado. No excerto (3), temos indicadores de como Maria Alegria usou dos recursos léxico-gramatical e semântico-discursivo disponíveis no sistema linguístico para fazer avaliação negativa sobre as atitudes de um médico. Ao utilizar determinadas expressões, que possuem carga semântica negativa, a idosa produz uma imagem contraproducente do médico, conforme a disposição dos sintagmas circunstanciais em gradação (*“muito mal, com muita ignorança”).*

No excerto a seguir, o qual revela dificuldades de outra natureza, enfrentadas por mulheres idosas, pode-se identificar outras formas avaliativas de dor na gramática da experiência cotidiana. Dessa vez, dentro do matrimônio.

- (4) *...Já pegou até arma assim e correu atrás de mim. E eu aguentando, aguentando, aguentando. Porque era longe da família, longe de família. Às vezes eu pensava de sair de dentro de casa, mas como era que ia sair, não tinha nenhum documento, nem a certidão de casamento eu tinha. E ele jogava na minha cara que eu não podia ir pra lugar nenhum porque eu não tinha documento, né? Não podia viajar.*

(Documento de língua oral - Maria Renascida, 64 anos)

No excerto (4), temos um caso de dor pertinente ao sofrimento atrelado ao não direito de escolha. Por meio da repetição de formas gerundivas, a idosa tece a dificuldade imposta no casamento – “*aguentando, aguentando, aguentando*”. Pode-se ponderar que essas repetições configuram, de forma avaliativa, por meio da intensificação, a dor que Maria Renascida estava passando ao ter de aguentar (sofrer) a violência no seio familiar. São as repetições icônicas que nos permitem interpretar, de acordo com Ishikawa (1981), o seguinte: “quanto mais forma, mais conteúdo”. O mesmo acontece na repetição do segmento circunstancial de distância em “*porque era longe da família, longe da família*”, o que sugere um desamparo.

Observa-se, também, um paralelismo por um cruzamento sintático (quiasmo): “*não tinha nenhum documento, nem a certidão de casamento eu tinha*”. O relato de Maria Renascida se faz por uma progressão textual de estruturas paralelas, que designam uma *gradação*, seja por repetições nos segmentos de processos mentais nucleares “*aguentando, aguentando, aguentando*”, seja pelos sintagmas circunstâncias “*longe de família, longe da família.*” As formas gerundivas (*aguentando*) repetidas podem ser interpretadas como uma característica crítica da maneira de construir a dor que a mulher estava passando ao ter de aguentar (sofrer) diante da violência do marido.

A narrativa dessa Maria retrata como foi sua vivência em um casamento marcado pelo medo dentro de um aprisionamento matrimonial: “*já pegou até arma assim e correu atrás de mim.*” Maria Renascida vivia constantes ameaças do marido e, mesmo em meio a violência que assolava o seu lar, ela não poderia ir embora, ela não tinha esse direito de escolha.

O fragmento apresentado a seguir permite-nos apontar a correlação entre estrutura linguística e estrutura social, em termos de avaliação quanto à ausência de direito de escolha, mas também em termos de sofrimento.

- (5) ... e aí quando eu tava com cinco ano meu pai me tirou eu de casa pra botá na roça. Aí eu não estudei nada! A vó tinha vontade, mas não tinha poder! Meu pai era burro, desses homi... mau...eu num tive esse tempo de estuudá... estudei muito foi panhano, rancano capim, rancano esses, cortada de tanto rancar capim aqui (mostra a mão), minha mão é cortada de ispuleta, que era pra arrancá, num era pa cortá, era pa rancá.

(Documento de língua oral - Maria Solidariedade, 79 anos)

No excerto (5), ações presentes na fala da Maria Solidariedade têm como principal participante o pai, é ele quem não a deixar estudar “e aí quando eu tava com cinco ano meu pai me tirou eu de casa pra botá na roça. Aí eu não estudei nada!” Não o que ela quer, mas o que ele permite, ou ordena, no caso. As formas verbais “panhano”, “rancano”, “arrancá”, “rancar” designam tão somente uma forma de desenvolver suas habilidades. Em termos sociolinguísticos, a escola é a fonte mais imediata de distribuição do saber e as pessoas, como essas colaboradoras da pesquisa, só hoje podem desenvolver habilidades tardias, como a de ler e escrever. Maria Solidariedade tece um paralelo entre o estudo formal com processos de aprendizagem realizados na vida dura do campo, bem distante do sonho de letramento que ela tangencia (*estudei muito foi panhano, rancano capim, rancano esses*) em seu discurso. O trabalho doloroso foi tão somente o que M. Solidariedade aprendeu na infância.

Ao representar o pai como um homem ‘burro’ e que tinha poder, faz sentido ao se conhecer os valores da época e do contexto em que essa Maria estava inserida, uma vez que geralmente os homens da zona rural, moradores de regiões como o Nordeste e que não tinham estudo agiam dessa forma. Em poucas palavras, eram rudes em consequência do contexto de situação em que viviam, ou seja, longe do meio urbano da tão valorizada cultura letrada. No caso do pai de Maria Solidariedade, a educação não era importante e a ele cabia o poder de decisão dentro de casa.

Segundo Miller e Guthrie (2015, p. 45), um senso de superioridade masculina permeia as sociedades porque os homens são, geralmente, fisicamente mais fortes e mais agressivos do que as mulheres. Quando essa mentalidade se torna uma virtude, as mulheres se tornam cidadãs de segunda classe. Para o autor, a maior causa do abuso praticado contra a mulher é a mentira de que o “homem é superior à mulher”. Pode-se afirmar que essa mentira encontra-se entrincheirada nas culturas ao redor do mundo, enraizada no sistema de crenças sagradas das pessoas, e repetida em histórias sagradas.

A seguir, apreciemos um caminho de mudança ainda em processo, mas bem distante do que trilham mulheres do passado.

## 4.2 A caminho da cidadania: Marias no Tribunal da Democracia

Como um dos enfoques deste estudo consistia no fortalecimento da cidadania, o que pôde ser trabalhado desde o início já em sala de aula, objetivou-se discutir conceitos fortalecedores para identidade(s), tais como: o papel da mulher na sociedade e a importância do voto, sobretudo, sob a ótica das mulheres idosas. Em seguida, levamos a cabo a realização de duas visitas do grupo focal ao Tribunal Superior Eleitoral (TSE).<sup>9</sup>

A partir das visitas mencionadas, algumas repercussões acontecerem nos dois contextos. Por um lado, na condição de moradoras da Estrutural, as colaboradoras da pesquisa foram beneficiadas com o acesso a um novo espaço social, diferente da realidade em que vivem e, porque não dizer, distantes. Por outro lado, naquele ambiente, até então desconhecido por elas, foi-lhes dado o direito à palavra. Por meio de uma roda de conversa, o Tribunal da Democracia tornou-se palco de momentos ricos para a história das idosas e também do TSE, onde as Marias foram ouvidas.<sup>10</sup> Vejamos.

- (6) *Teve importância essas visita porque eu num tava votano, eu prefiria pagá lá minha muta, de que ir votá, porque eu achava que num era muito necessário a gente votá, entendeu? Mas depois que eu fui lá...que eu vi eles conversano lá...é importante a gente votá, sabia? Eu num mais vô mais pagá muta, eu vou votá.*

*(Documento de língua oral – das visitas ao TSE, Maria Esperança, 65 anos)*

O fragmento (6) ilustra o discurso da idosa a caminho de um processo de mudança social, em termos de superação de obstáculos, no que se refere às relações das idosas com a prática social ‘eleição’, com o ‘voto’, com o ‘representante’ e sobre a importância da mulher nas conquistas da democracia brasileira. Vale, aqui, ressaltar a oportunidade que lhes foi dada para conhecer o espaço institucional onde se opera a Justiça Eleitoral no país.

Vejamos mais dois fragmentos que têm como foco o voto.

- (7) *A mulher tem muita importância pra governa nosso país, ela vai lutano pra conquistá o nosso direito. O direito da gente, da gente...que diz que antes do primero ano que a gente vota, a gente não é cidadão, a gente é cidadão a partir de quando a gente vota.*

---

<sup>9</sup> As autoras, no ano de 2016, buscaram uma parceria entre a Universidade de Brasília (UnB) e o Tribunal Superior Eleitoral (TSE) por meio do desdobramento do projeto ‘Meu nome, minha identidade’. A partir daí, o TSE, conhecido como o Tribunal da Democracia, pôde adaptar o projeto já existente com vistas a atender ao grupo focal das Marias.

<sup>10</sup> Visita das idosas ao Museu do voto no TSE

Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=\\_BSHHCxUq0w](https://www.youtube.com/watch?v=_BSHHCxUq0w)> Acesso em: 16 nov. 2017

*(Documento de língua oral, Maria Renascida, 64 anos)*

- (8) *Foi legal, eu gostei, amei. Eu agradeço muito a Deus por isso, por eu ter vindo conhecer outras coisas que eu não conhecia, né? Coisas que eu já tinha esquecido, como foi que eu votei pela primeira vez, entendeu? Que eu votei botano naquela urna de madeira, então foi uma experiência boa, porque a gente participando a gente cresce mais um pouco também, tanto no aprendizado também, né? Porque eu não sei ler muito, mas Deus tá me dando essa graça de ler.*

*(Documento de língua oral, Maria Coragem, 70 anos)*

Segundo a fala das idosas nos excertos (7) e (8), o voto era antes representado como algo que não valia a pena, uma vez que os governantes nada faziam/fazem e para esse grupo que é desassistido a situação torna-se pior. Em suas falas em sala de aula, era comum a recorrência da reclamação pelo descaso com que o lugar em que vivem é tratado, lugar de esquecimento depois das eleições. Porém, em anos eleitorais todos os candidatos são simpáticos, todos se achegam por puro interesse, conforme por elas relatado. As práticas discursivas realizadas, primeiro em sala de aula da Estrutural, ocasião em que trabalhamos temas voltados para os conceitos de cidadania, voto, representante, bem como a participação da mulher na democracia brasileira, depois, as práticas sociais que aconteceram com as visitas ao Museu do Voto e à Exposição “85 anos do voto feminino no Brasil”, foram essenciais para aflorarem os discursos ora analisados. Como lembra Fairclough (2003), as práticas sociais são sempre perpassadas de práticas discursivas.

Por outro lado, cabe registrar que, no início dos debates em sala de aula, pertinentes ao tema mulher, as Marias muito timidamente começaram a falar de situações de violência, vivenciadas por outras mulheres. Só depois começaram a relatar suas próprias experiências. Pode-se ponderar que histórias vividas em um cotidiano marcado pela pobreza costumam ser difíceis de aflorar, sobretudo, quando trazem cicatrizes de sofrimento associado à violência doméstica. Trata-se de uma violência, advinda de relações opressoras, tão arraigadas no contexto social brasileiro, de uma sociedade, ainda, machista. Mas o texto apresentado a seguir não permite uma generalização negativa para o lado masculino.

### **4.3 Um José entre as Marias**

Embora o presente artigo envolva fragmentos que correspondem a representações linguístico-discursivas, identificadas nas histórias de vida das Marias, selecionamos, entre os dados analisados, o relato de um senhor de 79 anos, o único aluno do grupo da comunidade pesquisada. Isso porque sua história de vida, no curso de alfabetização voltado de modo especial para pessoas



da terceira idade, iniciado em 2014 na Cidade Estrutural, destaca-se também em termos de fortalecimento de identidade, alimentada pela delicadeza sincera de um bom contador de histórias. Trata-se de um evento comunicativo (texto) que envolve suspense e empolgação. Tem-se, aqui, um desenrolar de experiências muito pessoais, íntima e até poética de uma relação de José com o seu “38”, o qual ele se orgulha de carregar, literalmente, no peito. É sua marca registrada. Apreciemos o relato oral de seu José, cuja habilidade comunicativa o aproxima de um cronista bastante original.

(9) *Essa história do meu 38, nem a polícia nunca tomou. Eles olha e me devolve. Você ACREDITA que a polícia devolve um 38 pra mim? De mim mesmo, nunca tomaram. Eu levo pra tudo quanto é lugar, por onde eu andei. Do Nordeste até uma parte do Sul, eu levo meu 38. Nem que eu vou na igreja eu levo. Esse é um presente que eu ganhei de nascença e nem a polícia nunca me tomou. Eles olha e me devolve. E ninguém vai tomar, só se aparecer um mais “raçudo” aí. De Maceió, Aracaju, Salvador, Belo Horizonte, São Paulo, Curitiba, Paraná, Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso, Palmas, Goiânia, aqui em Brasília, todo canto que eu ando é com ele. E é um presente que eu ganhei de nascença e não tem quem tome! Até hoje não tomaram não... mas é 38 não é pra matar ninguém não, viu? ... Entendeu? ... Não deu pra desconfiar nada até agora? Pra mim é muito importante ..., agora... não é pra mais ninguém. O meu 38, eu vou le mostrará. Você duvida eu le mostrará ele aqui? Num precisa ficar com medo não! Não faz mal pra ninguém. [Nesse momento, seu José se vira, faz um suspense e retira sua carteira de identidade que ele carrega envolta no pescoço e diz:] “Dá uma olhadinha aqui.” [E nos aponta a data do seu nascimento: 23 de janeiro de 1938].*

*(José, 79 anos – documento de língua oral)*

O relato de José do “38” indicia, já de início, traços semânticos que nos levam a recorrer, em termos de análise, ao subsistema atitude ligado não só à função interpessoal da linguagem, mas, sobretudo, à função ideacional associada à gramática da experiência cotidiana, em termos hallidayanos. De modo específico, pode-se ponderar que o texto acima envolve três tipos de atitudes: afeto, julgamento e apreciação, conforme discutem Martin e White (2005), cuja proposta acerca do sistema de avaliatividade encontra-se sintetizada em páginas anteriores neste mesmo capítulo.

Com base nas explicações acima destacadas, retomemos partes do relato de José do “38” para iniciarmos uma análise dos elementos linguístico-discursivos. Nos segmentos oracionais listados abaixo, destaca-se a escolha de processos mentais para direcionar ouvinte(s) /interlocutor(es) rumo a uma atitude de julgamento (em termos de ética, moralidade).

- *Eles olha e me devolve.*
- *Você acredita que a polícia devolve um 38 para mim?*
- *Não é pra matar ninguém não, viu? Entendeu?*

- Não dá pra desconfiar até agora?
- Você duvida eu le mostrá ele aqui?

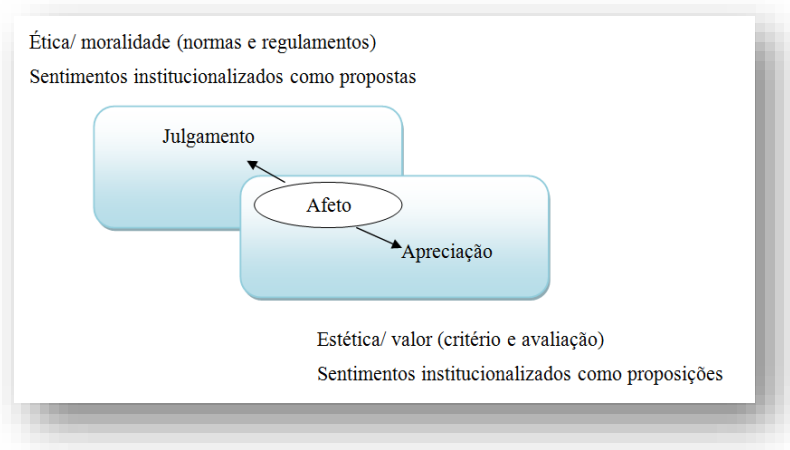
Cabe ressaltar que, à medida que o discurso de José avança, em termos de progressão textual, ocorre a possibilidade de uma negociação de sentido(s) imposta pelo falante/autor para o(s) ouvinte (s), quem no meio do relato começa a ser interpelado – *Entendeu? Não dá para desconfiar até agora? Você duvida eu le mostrá ele aqui?*. Em seguida, José começa a mitigar o foco de seu tema (um 38). Há um engajamento por parte do autor do relato, em termos de expansão dialógica, uma vez que José abre espaço para posicionamentos alternativos do(s) ouvinte(s) com relação ao foco (referente ainda velado).

Comenta Vian Jr (2010, p. 23) que, “a partir da modificação de participantes, processos e adjuntos, em diferentes instâncias, podendo configurar-se no texto como qualidades, por meio de epítetos, atributos e circunstâncias, pelos diferentes processos, mas principalmente pelos comportamentais e mentais”, o que pode ser observado no excerto: *E ninguém vai tomar.... só se aparecer um mais “raçudo” [apreciação]. Eu levo pra quanto é lugá, por onde andei [processo comportamental]*.

Em termos de subsistema de avaliatividade, o engajamento pode ser identificado no eixo das negociações, por meio de escolhas linguístico-discursivas expressas em unidades oracionais interrogativas, tais como as destacadas no parágrafo anterior. O autor avança em um movimento discursivo, ativando e desafiando expectativas em seus interlocutores. Observe-se que é a sua voz que avalia durante todo o relato, o que põe o interlocutor à prova. Pode-se ponderar que se trata de uma verdadeira peça literária, que se aproxima do gênero “crônica”, tamanha a criatividade do autor em surpreender um ouvinte /leitor.

Cabe, aqui, destacar, ainda que de maneira sucinta, as subcategorias: julgamento, afeto e apreciação nos moldes de Martin e White (2005, p. 147). Vejamos.

Figura 3 - Julgamento e apreciação como afeto institucionalizado



Fonte: adaptado de Martin e White (2005, p. 147)

A Figura (3) permite explicitar estruturas oracionais paralelas no relato de José, que reforçam, também, uma gradação em termos de reforço de ética/ moralidade em contrapartida com estética/valor.

- *Esse é um presente que eu ganhei de nascença (afeto/apreciação)*
- *e nem a polícia nunca me tomou (afeto/julgamento/ética)*
- *E é um presente que eu ganhei de nascença (valor reiterado/ critério de apreciação)*
- *e não **tem** (existe) quem tome! (julgamento em termos de ética, moralidade com reforço na gradação).*

Por meio dos segmentos oracionais acima destacados, que configuram um paralelo por oposição ou contraste, o autor apresenta uma proposição e logo em seguida contraria a expectativa criada em torno do foco (um revólver). Mas José o faz de uma maneira solidária, conforme indiciam os segmentos:

- *...meu 38 eu vô li mostra...*
- *você duvida?*
- *Num precisa ficar com medo não.*
- *Não faz mal pra ninguém. Entendeu? ...*
- *Não deu pra desconfiar nada até agora?*

A gradação com força no foco pode ser identificada também na escolha de um mesmo verbo, com variação na forma (tomou, tomaram, vai tomar), bem como itens gramaticais (*nem, nem*) e circunstanciais de negação (nunca, nunca) que sugerem uma cadência em nível de avaliação, como se pode apreciar nos seguintes segmentos:

- ...*nem a polícia nunca tomou.*
- *De mim mesmo nunca me tomaram.*
- *E ninguém vai tomar.*
- ... *só se aparecer um mais “raçudo” (apreciação)*
- *Eu levo pra quanto é lugá, por onde andei (comportamental)*
- *nem que eu vou na igreja eu levo.*

Algumas considerações analíticas cabem, ainda, ser registradas, sobretudo, em termos de noção de instanciamento: avaliabilidade e avaliação. Como mencionamos anteriormente, em nível de sistema, enfocamos a avaliabilidade, mas em termos de microanálise de categorias, tal como a *avaliação* estamos no nível do texto. No texto em análise (relato oral espontâneo), identificamos a marca constante do presente do indicativo (tempo nuclear do mundo comentado), o que exige do ouvinte uma atitude de alerta (tensão) com relação ao engajamento do próprio autor.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, discutimos momentos correspondentes a histórias de vida de pessoas da terceira idade, colhidas em entrevistas, bem como em rodas de conversa. A partir dos aportes teóricos ancorados na triangulação de propostas – da Análise de Discurso Crítica (ADC), Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) e Sistema de Avaliabilidade (AS) – foi possível traçar uma análise que pudesse evidenciar tanto a interioridade da linguagem (gramática da experiência do cotidiano) quanto a sua exterioridade, mediante práticas discursivas colhidas em dois contextos sociais diferentes. Com base em dados empíricos selecionados a partir de um grupo focal, buscamos apresentar veredas para uma relação dialógica textual nos dois ambientes em que se deram a geração dos dados aqui apresentados, a Cidade Estrutural (contexto de pobreza) e o Tribunal Superior Eleitoral (contexto institucional e de poder). O caminho da microanálise dos dados empíricos permitiu-nos descrever e interpretar a gramática da experiência da vida das Marias, sem deixar de discutir o perfil de José, exceção da pesquisa, por ser ele o único homem do grupo.

A *avaliação* foi uma categoria recorrente nas histórias de vida das mulheres idosas, inclusive no relato de José. A partir da perspectiva do Sistema da Avaliabilidade de Martin e White (2005), o foco analítico permitiu-nos apontar e discutir os três tipos de atitude: afeto, julgamento e apreciação nos fragmentos selecionados. Como sugere Trevisan (2012), a velhice costuma apresentar-se como um período em que as recordações emergem com especial energia. Recordar pode ser útil para fazer um balanço ou para tentar entender, ruminando a existência passada. Para o autor, as modificações que a lembrança cria a partir da realidade são quase obrigatórias, pois o passado apresenta-se em nosso mundo cognitivo como um mito propício a reinvenções e

remodelações constantes. Nesse sentido, a memória pode ser uma parceira privilegiada do imaginário, da fantasia alimentada pelo berço da literatura oral, como é o caso de José (79 anos), autor de uma verdadeira peça literária, ou seja, uma crônica tecida com recursos da oralidade.

Foi possível identificar, mediante as análises dos excertos selecionados pertinentes ao grupo focal, que mulheres em situação de pobreza tiveram, ao longo de suas vidas, o direito de escolha negado em diversas circunstâncias. Elas apontaram isso na categoria *cidadania: direito de escolha*. Apesar dos não da vida e dos mais diversos problemas enfrentados, entre eles a *violência*, que se tornou, inclusive, uma das categorias recorrentes, as Marias se revelaram corajosas, através de suas atitudes, que envolveram afeto, julgamento e avaliação.

À guisa de conclusão, este artigo resultou de dois passos distintos. O primeiro foi desenvolver práticas discursivas de letramento em sala de aula e, o segundo, abarcar outras práticas discursivas que extrapolassem o espaço do contexto de pobreza em que vivem as pessoas idosas. A partir dessa necessidade, outro espaço foi acrescido para as práticas que procurávamos empreender. Nesse ponto, o Tribunal Superior Eleitoral, também conhecido como Tribunal da Democracia, foi o contexto que nos abriu oportunidades para levarmos a cabo ações de natureza cívica, além de nossas atividades de caráter didático-pedagógico, o que contribuiu para o escopo central da pesquisa maior – Meu nome, minha identidade – a saber, resgatar cidadania e fortalecer identidade(s) através de práticas de letramentos junto a pessoas da terceira idade.

Recebido em: dezembro de 2017  
Aprovado em: dezembro de 2017  
denizelena@gmail.com  
edilankelma@gmail.com  
[DOI: 10.26512/les.v18i3.7444](https://doi.org/10.26512/les.v18i3.7444)

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUBOUR, R. **Grupos focais**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. 10. ed. Petrópolis RJ: Vozes, 2002.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Coord. da trad. I. Magalhães. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

FAIRCLOUGH, N. **Analyzing discourse: textual analysis for social research**. Londres: Routledge, 2003.

HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. **An Introduction to Funcional Grammar**. 3<sup>rd</sup>. ed. New York: Oxford University Press, 2004.

\_\_\_\_\_. **Obras essenciais de M. A. K.** Compilado por Elsa Ghio; Federico Navarro; Annabelle Lukin. Santa Fe: Ediciones UNL, 2017.

ISHIKAWA, M. Inconicity in discourse: the case of repetition. **Text**, v. 11, n. 4, p. 553-580, 1981.

MARTIN, J. e ROSE, D. **Working with discouse: meaning beyond the clause**, 2a ed. Londres: Continnum, 2007.

MARTIN, J. R.; WHITE, P. R. R. **The Language of Evaluation: appraisal in English**. New York: Palgrave Macmillan, 2005.

MILLER, D.; GUTHIE, S. **Mulher, a mão que balança o berço rege o mundo**. Reivindicando a dignidade da mulher para construir coisas sadias. São Paulo: Publicações Transforma, 2015.

XXXXXX e FREITAS-SCÓRCIO, M. Política de identidades e desigualdades sociais: Pobreza no contexto brasileiro pós-ditadura. [disponível em <http://www.comunidadeled.org>]. In: Revista Latino-americana de Estudos do Discurso, vol. 15(2), p. 219-238. Buenos Aires: ALED, 2015.

XXXXXX. A gramática da pobreza em práticas discursivas de atores sociais: uma perspectiva crítica. In: PINTO, J. P.; FABRÍCIO, B. F. (Orgs.). *Exclusão social e micro resistência: a centralidade das práticas discursivo-identitárias*, pp. 88-111. Goiânia: Cãnone Editorial, 2013b.

\_\_\_\_\_. Discursos do ecologismos e ecología humana: caminos entre etnografía crítica e ecolinguística. **Cadernos de Linguagem e Sociedade**, v. 14, n. 1, jan./jun., p. 65-88. Brasília: Thesaurus Editora, 2013a.

\_\_\_\_\_. [disponível em [www.revistaautomia.com.br](http://www.revistaautomia.com.br)] Estudos críticos do discurso no contexto brasileiro: por uma rede de transdisciplinaridade, p. 224-243. In: **EUTOMIA Revista de Literatura e Linguística** 9, ano 2012.

XXXXX. Social Representations and Experiential Metafunction: Poverty and Media Discourse. In: **Proceedings 35<sup>rd</sup> Internacional Systemic Functional Congress: Voices Around the World**, v. 1. p. 100-105. Sydney: Macquarie University, 2008.

XXXX. A repetição em narrativas de adolescents: do oral ao escrito. Brasília: Plano Editora; Oficina Editorial do Instituto de Letras; Editora da UB, 2001.

THOMAS, J. *Doing Crítical Ethnography*. Londres: Sage Publication, v. 26, 1993.

TREVISAM, J. Recordar é preciso?. In: MELO, G. L.; DOMINGUES, A. R. **Conversas e memórias: narrativas do envelhecer**. São Paulo: Via Lettera, 2012.

VIAN JR, O.; SOUZA, A. A.; ALMEIDA, F. S. D. P. (Orgs.) **A linguagem da avaliação em língua portuguesa**. Estudos sistêmico-funcionais com base no Sistema de Avaliatividade. São Carlos: Pedro & Carlos Editores, 2010.

---

Convenções de transcrição de dados orais  
(Conforme XXXX, 2001)

**Símbolo Descrição**

- : alongamento de vogal
- :: alongamento maior de vogal
- / parada brusca

[ ] comentários do pesquisador  
*Itálico* expressões próprias da fala  
... pausa